

Aula de música na Educação de Jovens e Adultos

Karine Rayara Peres Duarte
Universidade Estadual de Maringá (UEM)
karineperesduarte@hotmail.com

Comunicação

Resumo: O presente Relato de Experiência aborda aspectos referentes a minha atuação como estagiária de música na EJA – Educação de Jovens e Adultos no Centro de Educação Estadual Básica para Jovens e Adultos (CEEBJA) – Colégio Prof^o Manoel Rodrigues da Silva na cidade de Maringá – PR. O tema das aulas foi a prática musical coletiva por meio de instrumentos de percussão. O objetivo desta comunicação é relatar como aconteceu o processo de educação musical, consciência sonora e rítmica através do ensino coletivo e construção de instrumentos alternativos.

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos; Ensino Coletivo; Construção de Instrumentos Alternativos.

Introdução

Este Relato de Experiência refere-se a prática pedagógica realizada na disciplina de Estágio Supervisionado II¹ do curso de Licenciatura em Educação Musical da Universidade Estadual de Maringá (UEM). O tema escolhido para as aulas foi a Prática Musical Coletiva e o público alvo foi os alunos do Ensino Fundamental na modalidade EJA. O estágio ocorreu na cidade de Maringá – PR no Centro de Educação Estadual Básica para Jovens e Adultos (CEEBJA), Colégio Prof^o Manoel Rodrigues da Silva.

O interesse em trabalhar Práticas Musicais Coletivas no Centro Estadual de Educação Básica de Jovens e Adultos (CEEBJA) se deu primeiramente, pelo motivo de uma procura pessoal por um contexto diferente dos comumente utilizados para realizar os estágios. Em segundo lugar, acarretou o fato de que o calendário da universidade estava desajustado com o calendário escolar. Por este motivo, realizar meu estágio na EJA me permitiria uma rapidez

¹ Estágio orientado pela professora Dra. Vania Malagutti Fialho.

no cumprimento da carga horária, tendo em vista que seria possível lecionar duas ou até três aulas por semana.

EJA - Educação de Jovens e Adultos

A Lei de Diretrizes e Bases (LDB) mostra que a Arte é uma disciplina obrigatória no ensino básico e é nesta disciplina em que se encontra a linguagem de música. Com base na LDB e nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) pode entender-se que a música faz parte da formação integral do ser humano, assim como afirma os parâmetros “A área de Arte, assim constituída, refere-se às linguagens artísticas, como as Artes Visuais, a Música, o Teatro e a Dança” (BRASIL, 1998, p. 19) e segundo a LDB “As artes visuais, a dança, a música e o teatro são as linguagens que constituirão o componente curricular” (BRASIL, Lei nº 13.278, de 2016).

Ainda com respaldo na Lei de Diretrizes e Bases é possível encontrar a Educação Básica no modelo EJA, ou seja, educação de jovens e adultos. Ele encontra-se no artigo 37 da lei 9.394/96, na qual afirma que

Os sistemas de ensino assegurarão gratuitamente aos jovens e aos adultos, que não puderam efetuar os estudos na idade regular, oportunidades educacionais apropriadas, consideradas as características do alunado, seus interesses, condições de vida e de trabalho, mediante cursos e exames (BRASIL, 1996).

As Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs) propõem, no Ensino Fundamental II (5o a 8o anos), dois anos de duração para a EJA, e de 1 ano e meio para o Ensino Médio. A idade para ingresso na EJA é de 15 anos para ensino fundamental e 18 anos para ensino médio.

Silva (2007) afirma que de acordo com informações do Censo IBGE (2000), 65,9 milhões de brasileiros estão fora de idade escolar, ou seja, a etapa que afirma o direito constitucional de todos à educação não foi cumprida. A autora comenta ainda que da população economicamente ativa brasileira, o equivalente a 10 milhões de pessoas, maiores de 14 anos e integradas à atividade produtiva são analfabetas ou sub escolarizadas (SILVA, 2007). Os motivos para essas pessoas não terem concluído a Educação Básica são diversos. Ribas (2006) aponta que os indivíduos do EJA têm interesse em estar no mercado de trabalho, por isso não

tiveram tempo para estudar. Silva também aponta que os motivos são vários, quer seja pelas repetências de séries ou pela necessidade de auxiliar na renda familiar, que na maioria das vezes, em função da luta pela sobrevivência, corre como trabalho informal (SILVA, 2007).

Diante disso, proporcionar a oportunidade de concluir a Educação Básica através da EJA é importante, pois como afirma as Diretrizes Curriculares Nacionais

A Educação de Jovens e Adultos representa uma outra e nova possibilidade de acesso ao direito à educação escolar sob uma nova concepção, sob um modelo pedagógico próprio e de organização relativamente recente (BRASIL, 1999, p. 345).

Sendo assim, a EJA se distingue das outras formas de ensino por sua pluralidade de formação sociocultural de seus sujeitos (RIBAS, 2006).

Ensino Coletivo de Instrumentos Musicais

O tema das aulas deste estágio foi a prática musical coletiva de ritmos brasileiros por meio de instrumentos de percussão. Desta forma, os instrumentos e ritmos foram aprendidos através de ensino coletivo. Segundo Cruvinel, o Ensino Coletivo de Instrumento Musical pode ser uma importante ferramenta para o processo de socialização do ensino musical, democratizando o acesso do cidadão à formação musical (CRUVINEL, 2008). Por meio de pesquisas sobre a Educação de Jovens e Adultos, percebo que não é interessante que nessa modalidade de ensino trabalhe-se individualmente com música, pois as pessoas já estão passando pela escola fora do tempo “adequado”, e estão ocupados com trabalhos e outros afazeres. Por este motivo, realizar as vivências musicais coletivamente poderia trazer motivação aos alunos, em que na medida do possível acarretaria em uma aprendizagem colaborativa entre eles. Cruvinel afirma que:

Pelo exposto, neste momento em que se discute a “música nas escolas”, o ECIM² deve ser uma das metodologias presentes no contexto escolar, contribuindo para uma educação musical significativa e transformadora para a vida do educando (CRUVINEL, 2008, p. 8).

² Ensino Coletivo de Instrumentos Musicais

O ensino coletivo de instrumentos musicais também proporciona aos estudantes uma interação entre eles, pois a música trabalha com interação de pessoas. Paiva vai ao encontro dessa afirmação, pois comenta que a prática musical usualmente requer algum tipo de interação, seja entre músicos, entre o músico e uma plateia ou entre o músico e aparatos tecnológicos (PAIVA, 2005). Desta forma, os alunos aprenderam a manusear os instrumentos, principalmente o tambor feito de cano PVC, todos juntos. Montandon alerta para o cuidado que se deve ter ao dar aula em grupo, para que não aconteça uma aula individual dada em grupo. “Na aula em grupo, todos devem estar envolvidos e ativos todo o tempo, mesmo que com atividades diferentes” (MONTANDON, 2005, p.47 *apud* SOUZA, 2014, p. 3).

O aprendizado dos instrumentos de percussão por meio de ensino coletivo também pode proporcionar uma autonomia dos alunos quanto ao aprendizado musical (MONTANDON, 2005 *apud* SOUZA, 2014). Pois, no contexto desse estágio, foi apenas um professor em sala de aula e no mínimo doze alunos. Isso leva os estudantes a buscarem por si só a superação de certas dificuldades no momento em que o professor estiver ajudando outros alunos.

É necessário que o professor tenha em mente onde se pretende chegar com o ensino coletivo de instrumentos musicais. Este estágio buscou trazer um primeiro contato com os instrumentos de percussão, ritmos brasileiros e conceitos básicos de manuseio desses instrumentos. A partir disso, foi possível chegar ao objetivo que se pretendia com o ensino coletivo, que era englobar os alunos da EJA em uma vivência musical e oportunizar a experiência de manuseio dos instrumentos de percussão e ritmos brasileiros coletivamente. Nesse sentido, Montandon afirma que

No meu entender, o ensino de instrumento em grupo pode ter várias funções, igualmente válidas - formação de instrumentistas *virtuosis*, democratização do ensino de música, musicalização geral do indivíduo, etc. - desde que o objetivo esteja claro e, principalmente, que a metodologia esteja coerente com o que se pretende formar (MONTANDON, 2005, p.46 *apud* SOUZA, 2014, p. 8).

A intenção com esse estágio foi trabalhar principalmente com as qualidades do som e suas variações. Pois, a vivência musical com o uso de instrumentos de percussão possibilita a

exploração e conscientização da intensidade, duração, altura, timbre e estruturas musicais.

Sobre as aulas

A turma continha aproximadamente 15 alunos que deviam cumprir entre 84 e 28 horas-aula na disciplina de Arte, a quantidade variava de acordo com a série em que o aluno se encontrava. A matrícula neste CEEBJA é realizada por disciplina, podendo o educando matricular-se em qualquer época do ano. O aluno pode optar pelo atendimento presencial individual, ou coletivo, e até mesmo mesclar as duas formas de atendimento. Vale também ressaltar que o educando tem o direito de escolher quais disciplinas ele irá cursar durante um determinado período de tempo, podendo assim escolher apenas uma disciplina por vez ou várias. Portanto, as aulas deste estágio foram inseridas no contexto de aula de Artes na modalidade coletiva, na qual os alunos cumpriam a carga horária todos juntos. A aulas eram duas vezes por semana e tinham a duração de uma hora e quarenta minutos.

Para que eu pudesse ter conhecimento acerca do contexto dos alunos e colocar em prática a temática do estágio, em meu primeiro contato com a turma, levei uma ficha com três questões acerca de suas experiências musicais para que eles respondessem e me entregassem. Não foi necessário se identificar na ficha e eu deixei claro que os alunos poderiam escrever o que eles quisessem sobre seus gostos musicais, não havendo certo e errado. Foram as seguintes questões: *Você toca algum instrumento musical? Qual? Qual tipo de música você gosta de ouvir? O que você esperaria aprender em uma aula de música?*

Percebi que os alunos não levaram a sério esse questionário, pois fizeram pouco caso em responde-lo, dando respostas curtas e fazendo piadas na hora de responder. Mas em um âmbito geral, quase todos os estudantes nunca haviam feito aula de música e nem tocavam nenhum instrumento musical. Sobre o repertório que eles ouvem, as músicas variaram entre vários estilos, mas os mais citados foram gospel e música eletrônica. Quanto ao que esperar para aprender em uma aula de música, houve pedidos de história da música, aula de piano, notas musicais e leitura de partitura.

O foco das atividades foi a prática musical coletiva por meio de instrumentos de percussão convencionais e instrumentos de percussão com materiais alternativos construídos

pelos próprios alunos. O desafio de ensinar ritmo para os alunos da EJA, ocorreu pelo fato de que, nesta modalidade de ensino as faixas etárias são diferentes, pois como afirma Ribas, alunos de 14 a 90 anos podem estar juntos, estudando em uma mesma sala de aula (RIBAS, 2006).

Na aula de Arte para os alunos do ensino fundamental da EJA na qual este estágio esteve inserido, a faixa etária principal foi de 17 a 20 anos, porém havia uma estudante de aproximadamente 65 anos. Desta forma, foi necessário adaptar a aula para que a realização das atividades fosse possível para todos os alunos. Por este motivo, foi importante a elaboração de um plano de ensino que englobasse jovens adultos e idosos. Pois segundo as Diretrizes Curriculares Nacionais, o professor precisa considerar as diversidades dos alunos, “Considerar as especificidades e as diversidades, tais como a população do campo, indígenas, quilombolas, ribeirinhos, pessoas privadas de liberdade ou hospitalizadas, dentre outros, dando-lhes atendimento apropriado” (BRASIL, 2013, p. 365). O mesmo se aplica à diversidade de faixa etária presente na EJA.

No início das aulas, os alunos construíram tambores feitos de cano PVC e ganzás feito de potinhos de leite fermentado. Mas antes dessa atividade, houve momentos de reflexão sobre o uso de materiais alternativos para o fazer musical. Para embasar essas reflexões, utilizei apreciações de músicas de grupos que utilizam materiais alternativos para fazer música, como Stomp e Blue Man. Os alunos tiveram a liberdade de expressar suas opiniões acerca do assunto.

Além dos instrumentos construídos durante as aulas, também levei outros para a turma conhecer e tocar. Foram eles agogô, ganzá, pandeiro, tamborim e afoxé. Percebi que os alunos acharam todos muito interessantes, e o mais difícil para eles tocarem foi o tamborim.

Os estilos musicais escolhidos inicialmente para as práticas musicais coletivas foram Maracatu, Capoeira e Coco de Roda, inclusive nesta mesma ordem. O motivo para a escolha específica desses estilos se deu pelo fato de que essas músicas têm rítmicas mais simples e com menos contratempos e sincopas, fato que geralmente facilita para iniciantes na percussão.

Durante as aulas, os alunos puderam escolher coletivamente algum estilo que eles gostariam de tocar. É importante essa relação de troca entre o professor e os alunos, pois segundo Silva, na EJA é importante ressaltar a experiência trazida pelo aluno (SILVA, 2007). A autora afirma que valorizar o que o aluno traz consigo causa uma autovalorização do discente. Também afirma que a prática educativa não pode estar distante do mundo dos alunos (SILVA, 2007). Por esse motivo, em um primeiro momento eu levei os estilos musicais, até mesmo para eu conhecer a turma e ver o que eles tinham de experiência com ritmo. Mas em um segundo momento, foi a vez dos alunos escolherem as músicas. O próprio Projeto Político Pedagógico da escola na qual esse estágio esteve inserido também afirma a necessidade de focar no contexto do aluno.

A Educação de Jovens e Adultos – EJA pressupõe o atendimento a uma parcela da população, adolescentes, jovens adultos e idosos, que apresentam diferentes experiências de vida e, portanto, requer o conhecimento de suas histórias, culturas e costumes. Compreender o perfil do educando dessa modalidade de ensino torna-se fator primordial para o desenvolvimento de ações pedagógicas específicas para atender às necessidades daqueles que não obtiveram escolarização ou interromperam seus estudos por fatores sociais, econômicos, políticos e/ou culturais. (PPP - Ensino Fundamental e Médio)

Desta forma, o estilo musical escolhido pelos alunos foi o Pagode. Mas como esse estilo é um subgênero do Samba, a célula rítmica que eu ensinei aos alunos foi do Samba, pois ela se encaixa nas músicas de Pagode. Dentro desse conteúdo, também trabalhamos um pouco sobre a história do Pagode.

Durante o andamento do estágio, a professora titular da turma me informou que aqueles alunos estavam concluindo as horas necessárias para a disciplina de Arte. Por este motivo, a partir da outra semana estariam ali novos estudantes. Infelizmente não consegui realizar um fechamento das atividades com eles. Quanto a minha carga horária restante para finalizar o estágio, era de apenas 6 horas aula, ou seja, três encontros. Foi difícil organizar um conteúdo que houvesse começo, meio e fim para três aulas. Desta forma, optei por trabalhar apenas o estilo Samba e a conscientização e apreciação de músicas feitas com materiais alternativos.

Considerações finais

A proposta de realização do meu Estágio Supervisionado II no Centro Estadual de Educação de Jovens e Adultos (CEEJA) me deixou um pouco receosa sobre como seria trabalhar com esse público. Mas ao findar essa etapa, percebo que foi diferente e ao mesmo tempo muito interessante. Diferente pois, a modalidade de ensino, o tempo atribuído à disciplina de Artes e a faixa etária dos alunos não é igual ao ensino regular. Na modalidade EJA, os alunos realizavam aula de Artes todos os dias, assim como foi explicado anteriormente, a carga horária necessária variava de aluno a aluno.

Em um âmbito geral, as duas turmas eram formadas, em sua maioria, por adolescentes e jovens, contendo apenas um ou dois alunos aparentemente com idade acima de 40 anos e uma senhora de 65 anos. O fato de serem vários adolescentes reunidos, acarretava em muitas conversas paralelas, brincadeiras e falta de atenção. Isso levava a uma falta de concentração, e “má vontade” de realizar as atividades musicais. Neste ponto foi bem desafiador, tendo em vista que havia um desgaste de minha parte para fazer a turma se concentrar. Mas no geral, posso considerar que apesar das dificuldades durante as aulas, os resultados musicais foram satisfatórios. Pois os alunos conseguiram realizar os ritmos propostos. Pelo tempo ser curto, a turma não deu conta de tocar todos os instrumentos levados para a aula, mas os tambores e ganzás, que eram os instrumentos principais, eles tocaram.

Por meio das respostas obtidas no questionário aplicado aos alunos, pude observar que este foi o primeiro contato da maioria dos alunos ao tocar algum instrumento musical. Creio que esse seja o fato que levou os estudantes a terem muita dificuldade ao tocar os ritmos, até mesmo para marcar pulso. Com o decorrer das aulas houve um avanço, mas seria necessário mais tempo para que os estudantes construíssem uma consciência rítmica.

Finalizo afirmando que as aulas de música para os estudantes da EJA mostraram que é sim possível fazer música com estudantes de diversas idades e em um ensino não-regular, basta paciência, esforço e tempo.

Referências

BRASIL. LDB – **Lei de Diretrizes e Bases da Educacional**. Lei 9394/96.

CRUVINEL, Flavia Maria. ***O Ensino Coletivo de Instrumentos Musicais na Educação Básica: compromisso com a escola a partir de propostas significativas de Ensino Musical***. VIII Encontro Regional Centro-Oeste da Associação Brasileira de Educação Musical. Brasília, 2008.

PAIVA, Rodrigo Gudín. ***Percussão: uma abordagem integradora nos processos de ensino e aprendizagem desses instrumentos***. ANPPOM – Décimo Quinto Congresso/2005.

Parâmetros Curriculares Nacionais, terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental - Arte. Secretaria de Educação Fundamental MEC/SEF: Brasília 1998.

RIBAS, Maria Guiomar de Carvalho. ***MÚSICA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: um estudo sobre práticas musicais entre gerações***. Porto Alegre, 2006.

SILVA, Sheila Nunes da. ***A influência da música no processo ensino-aprendizagem em turmas de educação profissional na modalidade de jovens e adultos no Centro Federal de Educação Tecnológica do Amazonas***. CONNEPI, v. II, p. EDU-22, 2007.

SOUZA, Luan Sodrê de. ***Ensino Coletivo de Instrumentos Musicais: Algumas considerações***. VI Encontro Nacional de Ensino Coletivo de Instrumento Musical. Salvador, 2014.